

***Gespensstergeschichten*. Hrsg. von Dietrich Weber. Philirr Rec1am jun. Stuttgart, 1989.**

ESTÉTICA DO MEDO

Como criação literária, a “Gespensstergeschichte” - história de fantasmas - surge juntamente com o Iluminismo, pleiteando a função de *guarda-vista* protetor à excessiva *claridade* iluminista, repleta de procedimentos sistemáticos e paradigmas lógicos. Emerge assim o componente pré-romântico, que reitera o discurso do obscuro, da complexidade, do mistério, da imprecisão, numa época em que prevalece a hegemonia lógico-analítica.

Tal convivência dialética tem razão de ser no Século das Luzes. Mas, como se explica a publicação de uma coletânea de histórias de fantasmas na Alemanha do final dos anos 80? Num estudo elaborado da literatura produzida em língua alemã nesta época, o crítico Fritz Raddatz diagnostica como “ameaçador tema da década”: o medo. Uma vez que existe um elo significativo entre o sentimento de medo e histórias de fantasmas, desanuvia-se parcialmente a questão, pois freqüentemente o medo, que em nossos dias torna-se protagonista central na ficção como na vida real, configura aqui aparições espectrais. Já Schopenhauer dizia-se disposto a acreditar na existência de fantasmas, desde que estes fossem compreendidos como manifestações da subjetividade.

A ficção da coletânea *Gespensstergeschichten* estende-se do final do século XVIII a nossos dias, resgatando a faceta *espectral* de Kleist, E.T.A. Hoffmann, Franz Hohler, Lesskow, Kipling, Knut Hamsun, Poe, Guy de Maupassant e outros, num amálgama de estilos, particularidades culturais e “settings” distintos.

Os conflitos desencadeados por manifestações espectrais divergem. Em Goethe o fantasmagórico mostra-se evolutivo, passando da agressividade auditiva ao aplauso, e, enfim, a sons cada vez mais agradáveis, conciliando-se ao gradativo silenciar do sentimento de culpa da protagonista.

Gogol nos remete à Ucrânia camponesa: ao desempenhar uma dança cossaca, um avô depara-se com um “local enfeiti-

-- 148 --

çado” a lhe bloquear os movimentos, que sugere relação com o medo frente ao enrijecimento físico, à velhice e à morte.

A caricaturização do elemento racionalista no episódio da *Viagem ao Harz*, vem comprovar o poderio satírico de Heine: um iluminista recém-falecido – “uma linha reta personificada” – reaparece como fantasma ao protagonista, lançando mão de silogismos kantianos para – logicamente – provar sua própria existência enquanto fantasma. Sem dúvida, um dos pontos altos da coletânea.

Também satírico é *O fantasma de Canterville* de Wilde, onde a cosmovisão racional e prática de uma família americana consegue destituir o tradicional espectro inglês do poder de amedrontar.

O jogo poético com o motivo do fantasma e com o próprio gênero literário “história de fantasmas” emoldura a coletânea: são os contos de Marie Luise Kaschnitz, com imagens de momentos crepusculares e da morte incontornável.

Como um todo, as histórias de fantasmas da coletânea atuam como

contribuição à redescoberta da introspecção e da subjetividade. Estímulo à auto-análise, revelam a espectralidade como parte integrante, porém obscura e recôndita, do sujeito. Aqui o retorno ao existencial dispensa a estereotipia simplista em favor do diálogo com o mistério da natureza humana, resgatando o eterno-espectral para a moderna objetividade cotidiana.

Por outro lado, esta seleção de contos e novelas prima pelo embate de antinomias como razão versus intuição, ordem versus desordem, clareza versus mistério, entre as quais situam-se inúmeros matizes intermediários, deslocando o leitor para a sempre produtiva esfera da polaridade, em meio a uma profusão de imagens do medo frente ao desconhecido.

Freya Medved Leite Nunes
Universidade Federal de Santa Catarina